

antes vimos. Não tem como a inflação subir muito forte. Mas, se ficar levando choque, levando choque, não tem jeito.

O país registra uma combinação explosiva neste momento: inflação e juros em alta, perspectiva de recessão e desemprego recorde. Com sair disso?

Existe um problema que afeta tudo, inclusive a inflação e a política monetária, como consequência. Quando se tem muita fragilidade fiscal, a potência da política monetária perde força e fica muito mais frágil. É um pouco aquela história: nada funciona bem. É como se você estivesse supersaudável, mas fica sem se alimentar. Uma hora, as coisas começam a não funcionar bem. Você fica cansado, sonolento, não consegue manter sua atividade normal. É o que o Brasil está vivendo. Está sendo sufocado por um gasto público desproporcional.

Com a incapacidade do governo de resolver esse problema e um Congresso dominado pelo Centrão, grupo de partidos fisiológicos que gostam de gasto público, como é que fica isso?

Estamos chegando a um ponto em que essa turma toda vai perceber que, se continuar assim, todos perdem. Nas vezes em que o Brasil fez grandes mudanças, foi porque aconteceu isso. Fisiológico ou não, o Centrão sabe que, para tudo que ele almeja, é preciso andar na normalidade. E nós não andaremos na normalidade se a situação fiscal não ficar minimamente ok. Aliás, todas as vezes em que o Brasil flertou com esse problema, gerou um caos tão grande que, no final, os políticos, em geral, pararam e disseram: 'Ópa, todo mundo vai perder'. Então, vamos fazer o que é difícil. Como, inclusive, a Grécia fez.

Com o governo atual, é possível ter um lampejo de serenidade e de bom senso para fazer o que é preciso para resolver esse problema fiscal?

Infelizmente, não vejo esse lampejo de serenidade. Não acho que vá acontecer isso. O caminho mais provável é continuar com a deterioração fiscal moderada, que não joga tudo para o espaço, e o próximo governo vai poder fazer uma mudança estrutural relevante. Ou, se tivermos uma deterioração mais forte, essa verdade vai ser inescapável. Todo mundo vai fazer.

O país está com uma eleição no meio do caminho, cuja disputa já foi antecipada. Como o senhor vê essa questão eleitoral? Se o presidente Bolsonaro for reeleito, terá força para fazer os ajustes em um segundo mandato?

É muito difícil dizer. O que eu posso falar é o seguinte: se não fizer, está frito, porque vai quebrar o país. Se adiar um pouquinho, ainda dá, mas é inescapável. O governo que vier, se não fizer (o ajuste fiscal), não acabará o mandato. Para mim, é quase certo que o próximo governo, se não vier com uma agenda que dê conta da situação fiscal e do endividamento, e não cuidar disso para valer, de forma definitiva, não terminará o mandato.

Será mais um processo traumático para o país...

Sim, muito traumático. Agora, quero dizer que, na minha modesta opinião, o que o Supremo fez foi um desastre. Eu não consigo ver nem um décimo de razão nas duas decisões desastrosas do STF (que colocaram Lula de volta ao cenário político). Primeiro, a do ministro Edson Fachin, depois, a da ministra Cármen Lucia, quando ela mudou o voto na Segunda Turma. Não existe país no mundo que faça uma coisa dessas. Ou seja, coisas de cinco, 10 anos, e voltam atrás completamente. Nesse caso, foram três instâncias. É uma loucura o que está acontecendo. É brincar com o país. O Brasil é um país que não dá para se levar a sério. Imagina um investidor que compra uma concessão em leilão por 20 anos. De repente, muda e falam: 'Não valeu'. Tem que devolver tudo. Depois dessa decisão (do Supremo), dá para dizer que isso é impossível? Não dá para dizer. A decisão do STF trouxe, a meu ver, um potencial de polarização muito grande. Então, realmente, fica muito mais a mercê de um lado muito extremo de esquerda ou de direita.

Qual sua avaliação dessa polarização para o país?

É um horror. O que o Brasil precisa é de bom senso, de tran-

Sabrina Almeida/Divulgação



Um país que está muito endividado, qualquer alternativa a mais de gastos, por conta de situações emergenciais, obrigatoriamente, precisa passar por redução de outras despesas. Um país típico emergente gasta de 15% a 20% do seu PIB, mas 40% não é possível"

quilidade para atuar nos seus problemas reais e poder se tornar um país que seus cidadãos merecem. O problema do Brasil é que a elite brasileira é muito ruim. Ela não deixa o nosso país prosperar. E, daí, você, hoje, tem um potencial de polarização grande. Não é certo. Estamos longe ainda das eleições. Mas ele já é grande. O STF pode voltar atrás e o Lula não estar no páreo (nas próximas eleições), mas não sabemos.

O senhor acha que há espaço para uma candidatura de centro?

Eu acho que tem espaço, sim, mas ficou mais difícil. Se tiver, é urgente que seja uma candidatura única. Não dá para ter um monte de candidatos.

Na última semana, inclusive, houve uma carta dos candidatos de centro em favor da democracia.

Eu vi, é uma boa carta. Mas eu, honestamente, não acho que a democracia esteja tão em risco assim. Mas não custa nada cuidar.

**Mas estamos vendo arroubos
autoritários frequentes.**

Nesse sentido, às vezes, acho que subestimamos as nossas instituições. Acho que, nesse sentido, o Brasil está muito bem. Temos instituições bem fortes para segurar isso. Se teve ou não teve, pode ver que não cortar as permissões nessa brincadeira. Não tenho a menor dúvida. Aconteceu em outros governos, e, se houver um rompante muito forte, vai acontecer de novo.

Dá para falar em recuperação da economia? Qual é a sua perspectiva?

Acho que dá. A estatística do nosso PIB é muito difícil de entender, porque o cálculo é média sobre média, o que não quer dizer nada. No geral, o correto é olhar para o crescimento na margem, dessazonalizado, etc, para você ver se, na margem, está crescendo ou não. Não adianta olhar o crescimento de hoje contra o de seis meses atrás. É bom olhar o de hoje contra o do mês passado, contra 12 meses atrás. O cálculo da maioria dos países é sempre na margem. Aqui, a gente faz média sobre média. Por fazer esse cálculo aqui, acaba tendo um carry over, ou seja, menos crescimento no ano passado. Então, se fosse só na margem, a queda de 4,1% do PIB (de 2020) poderia ter sido menor do que foi. O carry over deste ano é da ordem de 3,6%, 3,7%. E se o país crescer menos do que 3,6%, vamos crescer negativamente na margem. Contra o finalzinho do ano e 12 meses à frente, vai ter uma pequena queda. E parece ser o caso de 2021.

O senhor acha que vai ter queda na margem do PIB de 2021?

Sim. A nossa projeção de crescimento do PIB deste ano está em torno 3%, mas eu acho que a chance de ser 2,5% é muito maior do que 3%. Tem um viés de baixa aí. Essa previsão já foi de 3,5%. A revisão aconteceu porque a pandemia ficou muito pior do que se imaginava. E isso aconteceu porque estados e municípios resolveram fazer fechamentos mais

A verdade é que o Brasil teima em querer resolver seus problemas por meio das consequências dos problemas. O Brasil não está, pelo menos não esteve até agora, disposto a ir na causa do problema"

140 mil no mundo inteiro, só que teve um grupo de países, principalmente o Brasil, que foi o pior de todos, que agiu muito mal. Resultado: a nossa Bolsa chegou a 105 mil e as outras estão a 140 mil. Mas esses 100 mil pontos, estamos olhando em reais. Olha o que o real depreciou. Em dólar, a Bolsa despencou. O resultado disso é que, depois de vários anos de estrangeiros vendendo ações no Brasil, porque o país não cresce, a partir de outubro do ano passado, passaram a comprar ações no país. Não é porque o Brasil vai bem, mas é que ficou de graça em dólar. Então, o fluxo dos estrangeiros de outubro de 2020 até a última quarta-feira estava na ordem de R\$ 85 bilhões. Não é pouco dinheiro.

O impacto disso na economia, na sua avaliação, vai ser brutal?

Por conta desse colapso (dos sistemas de saúde), estados e municípios resolveram, agora, agir direito e fecharam tudo. Isso poderia ter sido feito, por um período curto, em dezembro. Mas, como não foi feito, tivemos um monte de mortes a mais. E, agora, fechou de vez. E, quando fecha de vez, a economia para. Como o país já teria uma desaceleração grande por dois meses por conta da segunda onda, agora, esse impacto vai ser muito maior. Isso faz com que a perda de PIB seja maior do que se imaginava antes. Outra coisa é que essa própria situação de colapso gera uma queda dramática na confiança. Os índices de confiança de empresários e do consumidor da FGV (Fundação Getúlio Vargas) estão caindo barbaramente. Algo que a gente nunca viu. Isso quer dizer menos propensão a consumir e menos propensão para a economia se recuperar mais à frente. Se você associa isso à bateção de cabeça sem fim do governo, flertando com o precipício na questão fiscal, é a tempestade perfeita.

E ainda temos um presidente que, apesar de tudo, mantém uma postura negacionista e estimula as pessoas a descumprirem as orientações da ciência na pandemia...

Há tanto ingrediente ruim, que eu tenho dito o seguinte: para ser pessimista como o Brasil está fácil. Não é por outra razão que eu falei o seguinte em um evento: os ativos do Brasil são o lixo do mundo. Se compararmos, nos últimos 12 meses, com qualquer país, os nossos ativos estão um horror. E tudo por questões internas. Estamos administrando muito mal tudo. E a culpa é 100% nossa.

Mas a Bolsa pode chegar em 130 mil pontos?

Sim, já estive perto de 130 mil, recuou, mas o lbovespa pode ir para os 130 mil pontos, sim. Vamos imaginar que todas as Bolsas do mundo estivessem a 100 mil pontos. E todas juntas sobem até 120 mil, para facilitar. E, aí, acontece a pandemia. Só que cada um foi agindo de um jeito. Resultado. Agora, as Bolsas no mundo estão entre 130 mil e



PO NEWS

EDIÇÃO Nº 790 | ANO 46

Boletim informativo das
Organizações Paulo Octavio

4 DE ABRIL DE 2021 | BRASÍLIA/DF

Informe Publicitário



NOROESTE

PAULOCTAVIO LANÇARÁ MAIS UM RESIDENCIAL

A construção do Residencial Nívio Gonçalves, no Noroeste, está a todo vapor. Localizado na SQNW 307, projeção I/J, o edifício será lançado pela PaulOOctavio, no dia 21 de abril, como parte das comemorações do aniversário da capital. O prédio terá apartamentos tipo de 2 quartos de 73 m² a 84 m², e de 3 quartos, com 115 m², além de unidades duplex de 2 quartos, de 148 m² a 170 m², todos com até duas vagas de garagem.

No pilotis, os moradores terão home office, brinquedoteca, dois salões de festas com copa e lavabos e sala de correspondência na guarita. Na cobertura estão disponíveis itens de lazer coletivo, como churrasqueiras, fitness, piscinas adulto e infantil climatizadas, sauna com descanso, espaço gourmet e sanitários adaptados para PCD.

O residencial homenageia o mineiro de Rio Pardo de Minas que chegou a Brasília no final da década de 1970 para ser juiz substituto. Após passagens por várias instâncias do Poder Judiciário, em 1991, foi indicado para ocupar o cargo de desembargador do Tribunal de Justiça do Distrito Federal, que presidiu entre 2008 e 2010. Aposentou-se do TJDF em 2011.

www.paulooctavio.com.br